

INSTRUMENTALIZAÇÃO MEDIANTE CERTEAU: possibilidades em história da produção curricular em matemática

Maria Fernanda Rosa Horta Bastos¹

Dayene de Souza Nascimento²

Livia Ermelinda Ribeiro Sampaio³

RESUMO

Com o objetivo de desenvolver a pesquisa com o Laboratório de Currículos do Estado do Rio de Janeiro, de identificar através da análise, as mudanças curriculares contidas nele, focando na produção curricular de matemática, torna-se necessário para operacionalizar a pesquisa e torná-la viável o uso de uma fundamentação teórica concisa. Nesse sentido, o desenvolvimento desse trabalho visou demonstrar como o uso da obra e conceitos de Certeau tem o poder de potencializar a pesquisa oferecendo instrumentos para que ela se torne executável. Seguiu-se a tentativa de exemplificar as possibilidades de uso dos conceitos e métodos de Certeau em pesquisas na história da educação matemática, em específico da reformulação curricular das décadas de sessenta e setenta do século XX, pela produção dos cadernos pedagógicos do Laboratório de Currículos do Estado do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: De Certeau; fundamentação teórica; história da educação; mudanças curriculares.

INSTRUMENTALIZATION THROUGH CERTEAU: possibilities in the history of curriculum production in mathematics

ABSTRACT

Willing to develop the present research with the Curriculum's Office from the State of Rio de Janeiro/Brazil, aiming to identify the changes on the Mathematic Curriculum through analysis, focusing on the Mathematic Curriculum development, becomes necessary, to operationalize the search and make it viable, the use of a concise theoretical foundation. Regarding this point, the objective of this project of research aims to demonstrate how effective the use of the Certeau's works and concepts are to potentialize the research, offering instruments to make it possible. Following the attempt to exemplify the possibilities of use of the concepts and methods of Certeau in research on the history of Mathematics Education, specifically on the remodeling of the Mathematic Curriculum through the decades by the development of the pedagogical guides from the Curriculum's Office of the State of Rio de Janeiro..

Keywords: De Certeau; theoretical foundation; history of education.

¹ Mestranda em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3279-7395>. E-mail: ferj.adm@gmail.com.

² Mestranda em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). <https://orcid.org/0000-0002-7838-5997> E-mail: dayenesnasci@gmail.com.

³ Mestranda em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: livia19sampaio@gmail.com. <http://lattes.cnpq.br/4470680282589672>.

INSTRUMENTALIZACIÓN A TRAVÉS DE CERTEAU: posibilidades en la historia de la producción curricular en matemáticas

RESUMEN

Con el objetivo de desarrollar la búsqueda con el laboratorio curricular del estado de Río de Janeiro, para identificar a través del análisis los cambios curriculares contenidos en el mismo, centrándose en la producción curricular de matemáticas, se hace necesario operacionalizar la búsqueda y hacer viable el uso de una base teórica concisa. En ese sentido, esta propuesta de investigación pretende demostrar cómo utilizar el trabajo de Certeau y los conceptos tienen el poder de potenciar la búsqueda ofreciendo instrumentos para que ella haga ejecutables seguido del intento de ejemplificar las posibilidades de uso de conceptos y métodos en Certeau en la investigación en la historia de la educación matemática en específico de la reforma curricular de décadas de los cuadernos pedagógicos desde el laboratorio curricular el estado de Río de Janeiro. Palabras clave: Certeau; fundamentos teóricos; historia de la educación.

Palabras clave: Certeau; Fundamento teórico; historia de la educación.

INTRODUÇÃO

Michel De Certeau foi um afamado historiador e um grande intelectual jesuíta. Nasceu no interior da França, em 17 de maio de 1925. De Certeau teve uma formação bastante eclética, debruçando-se por diversos temas como, psicanálise, fenomenologia, linguística, história religiosa, cultura e a vida cotidiana. Suas formações acadêmicas foram as seguintes: Letras Clássicas, Filosofia, Teologia e História, com doutorado em Ciência das Religiões. Foi membro da Escola Freudiana de Paris e lecionou em diversas universidades do mundo como, Genebra, San Diego e Paris. Faleceu aos 60 anos, em decorrência de um câncer de pâncreas.

De Certeau ganhou ainda mais destaque no âmbito da epistemologia da História e da produção do conhecimento historiográfico ao redigir uma importante obra, intitulada “A escrita da história”, em 1975.

Esta pesquisa utilizou duas literaturas de Michel De Certeau para construção de uma pesquisa científica e reconhecer o papel do historiador. Buscou-se observar, em ambos, teorias que nortegassem o trabalho do pesquisador, o fazer historiográfico e a escrita científica.

HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA NA VISÃO DE CERTEAU

Em A escrita da história pudemos localizar as etapas para realizar a produção historiográfica, focos principais do decorrer deste trabalho. Tais eixos são: lugar social, prática científica e escrita da pesquisa. Buscou-se destacar as principais ideias a serem desenvolvidas e postas em prática por um pesquisador.

No segundo livro, A invenção do cotidiano - artes de fazer, Michel De Certeau é descrito pela escritora Luce Giard que detalha aspectos do pensamento e procedimentos do autor. Que por suas múltiplas competências e formações trouxe diversas temáticas que foram associadas às ideias da prática historiográfica. Ampliando visões já pautadas no primeiro livro.

Criou grupos de pesquisa baseados na colaboração. Esta prática de pesquisa em conjunto, nos inspirou a construir de forma colaborativa este tema e assim, contribuir nas pesquisas das autoras.

[...] para cumprir esse programa de pesquisa ambicioso e complexo, de Certeau tentou organizar três círculos de interlocutores, círculos distintos com funções separadas, mas com pontos de contato, certos membros circulando de um para o outro. [...] Certeau reúne jovens pesquisadores, cursando ao terminar a faculdade com poucas exceções, pessoas que ainda não tem o estatuto institucional ou que empreendem o trabalho de pesquisa. [...] (GIARD, 1998, p.21).

Michel De Certeau inspira a construção do trabalho colaborativo.

O que ele deseja é um trabalho em cooperação, um confronto de experiências e de engajamentos com a geração mais moça, mas não quer que a aventura culmine na Constituição de um refúgio nem na formação de uma seita, ainda que de pensamento (GIARD, 1998, p.21).

Crítico e de pensamentos diferenciados às instituições e locais estratégicos, não era preso aos métodos, possuía diversidade de saberes pelas diversas formações, utilizava novas metodologias e informatização além da epistemologia da história e muitas outras genialidades. Como Giard (1998) declarou, De Certeau intriga e desconcerta.

Tais metodologias, posicionamentos e conceitos estão construindo nosso perfil de pesquisadoras e integrantes do GHEMAT- RJ, em que nos pautamos em De Certeau para dar desenvolvimento às nossas pesquisas, compartilhando experiências e utilizando conceitos em comum.

O Laboratório de Currículos do Rio de Janeiro foi um órgão de pesquisa criado e elaborado pela Secretaria de Educação e Cultura do Rio de Janeiro para orientar ações políticas no campo da educação. Se constitui como uma ação político administrativa do governo Faria Lima (1975-1979).

Nasce para a formulação e implementação de propostas de renovação pedagógica e de política educacional. Assim, a Secretaria de Estado de Educação e Cultura cria o Laboratório para prestar assistência técnica aos centros regionais, aos núcleos comunitários e às escolas. As atribuições do Laboratório eram:

Promover pesquisa com objetivo de identificar necessidades do sistema escolar; realizar investigações para elaborar e executar o Plano Estadual de Educação; otimizar estudos para formular e reformular currículos; sugerir metas curriculares e novas propostas metodológicas; viabilizar a implantação, acompanhamento e avaliação do plano curricular do Estado (LOBO; FARIA, 2005, p.4).

Para analisar as publicações do Laboratório de Currículos marcadas por estas características, e que se configuram como um conjunto de manuais pedagógicos que orientaram professores em um determinado período, se torna necessário usarmos as regras e métodos que De Certeau orienta.

De Certeau caracteriza a operação historiográfica como um produto da relação entre o lugar social, procedimentos de análise e a construção de um texto. “É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam” (1982, p. 56).

Desse modo, é necessário localizar o contexto das fontes com que trabalhamos, investigar as condições da produção dessas fontes. De Certeau (1982) explica que os critérios que o historiador estabelece em seu ofício, que vão direcionar a prática histórica, iniciada com os recortes de um material.

Defendendo uma relação entre o lugar social, os procedimentos de análise e a construção de um texto, ele apresenta quais seriam as principais características de cada uma dessas partes, e que o conjunto delas constroem a produção do historiador. Os procedimentos de análise são elementos da prática científica, a construção de um texto parte do lugar de escrita e configura uma literatura, e o lugar social faz referência além de uma disciplina, ao lugar socioeconômico, político e cultural, situando assim o lugar de produção (DE CERTEAU, 1982).

De Certeau (1982) aborda também a questão da subjetividade do autor, da particularidade do lugar de fala e domínio em que realiza uma investigação. Seu trabalho com conceitos e a necessidade de fazer um constante exame crítico em sua ação, ao lidar com uma multiplicidade de filosofias, que exige relatividade histórica.

Existindo necessariamente uma relação entre o sujeito e seu objeto, a subjetividade do historiador não se dissocia da instituição histórica, antes faz parte de toda sua produção. Pois em história todo sistema de pensamento está referido a lugares sociais, econômicos, culturais. Existindo, portanto, uma relação entre os produtos e os lugares de produção. É

importante para quem está iniciando a pesquisa, como é o nosso caso, que tenhamos em mente a necessidade de identificar o lugar de produção dos cadernos pedagógicos do Laboratório de Currículos.

O contexto do Rio de Janeiro na época em que o Laboratório foi criado, bem como os agentes que participaram de sua elaboração. Visto que a operação historiográfica é caracterizada sobretudo por essa relação entre lugar social, procedimentos de análise e a construção de um texto, como já foi dito.

De Certeau (1982) chama atenção para a questão da desconfiança que surgiu justamente por causa da subjetividade do autor. É devido a isso que se torna necessária a dissolução do objeto que De Certeau defende.

Estabelecendo, portanto, a necessidade de que toda interpretação histórica dependa de um sistema de referência que oriente a análise. Os critérios que direcionam a prática histórica iniciam com os recortes de um material - que como dito não se dá de forma neutra, mas carrega o afeto do historiador - segue em sua prática os códigos do deciframento desse material e ordens de exposição. Já que os recortes epistemológicos são indissociavelmente sociais e intelectuais (DE CERTEAU, 1982, p.60).

A instituição histórica consiste na relação entre uma instituição social e a definição de um saber. Partindo de um lugar articulado, de um sistema de redes de produção onde o historiador está inserido. Existindo a lei de um grupo e a lei de uma pesquisa científica.

Funções imbricadas, porém, diferenciadas das quais nenhuma é a realidade ou a causa das outras. Sistemas de simbolização se combinam sem se identificar, nem se hierarquizar. Para além de uma relação de causa e efeito, o que é retratado aqui é a ideia de uma correlação.

O discurso científico precisa falar de sua relação com o corpo - social, já que a instituição social está atrelada à definição de um saber e a instituição do saber, que perpassa por todo esse processo. “É impossível analisar o discurso histórico independente da instituição em função do qual ele se organiza silenciosamente” (DE CERTEAU, 1982, p.62), o que configura o “não-dito” segundo esse autor.

O discurso histórico é produzido nessa rede de relações onde o texto assume, ele próprio, sua relação com a instituição. O “nós” do autor remete a uma convenção que por sua vez está ligada a um contrato social “entre nós”, um sujeito plural que sustenta o discurso e se apropria dele. (DE CERTEAU, 1982, p.62)

Daí se verifica a prioridade do discurso histórico e da prática discursiva que se estabelece pela mediação deste “nós”, sujeito global - tempo, sociedade - e indivíduo - autor, filosofia pessoal. Lugar onde o discurso se articula, mas não se reduz. O “eu” do escritor e o “nós” de um trabalho coletivo.

Essa agregação do discurso e do grupo formam uma combinação dinâmica onde a pesquisa não se constrói de forma solitária, mas em rede. A operação se situa num conjunto de práticas. Faz parte da operação historiográfica as leis do meio - conjunto de práticas e métodos históricos - constituindo os critérios científicos. As leis do meio tratam da necessidade do reconhecimento dos “pares” (DE CERTEAU, 1982, p.63).

Destacando o papel dos historiadores na sociedade, De Certeau (1982) aponta para uma questão fundamental desse papel, a análise social da ciência. Das imposições que ela desvenda, em especial as imposições não acidentais.

Trata-se de identificar as causas da sociedade ser como tal, e o que colaborou para isso. No nosso caso, entender essa questão é fundamental, pois nos propomos a analisar as mudanças curriculares, através dos cadernos pedagógicos do Laboratório de Currículos. Investigando como elas aconteceram, e para isso é preciso entender as intencionalidades por trás dessas produções. Se elas se enquadram na tentativa da Secretaria de Educação e Cultura de concretizar as reformas educacionais da década de sessenta e setenta, as quais iremos abordar no decorrer de nossas pesquisas.

De Certeau nomeia essa ação de análise de determinações sociais, chamando atenção principalmente para que se perceba quais determinações não são acidentais. No exercício dessa análise o historiador usa de métodos que esboçam um comportamento institucional e as leis de um meio, que nem por isso deixam de ser científicos. O historiador se abriga em seu ofício, no sentido de que ele não se ausenta do produto de sua criação, pois a “história que se escreve, abriga prioritariamente aqueles que escreveram” (DE CERTEAU, 1982, p.65).

De Certeau identifica quem faz parte do círculo da escrita. Os autores - letrados, os objetos - livros, manuscritos, etc. e o público - cultivado. O círculo da escrita sofre flutuações da clientela pois a situação social muda o modo de trabalhar e o tipo de discurso. O mesmo fato não é narrado da mesma forma por diferentes pessoas em diferentes tempos históricos, tendo cada um a sua própria interpretação do seu lugar social. Sendo “a prática histórica inteiramente relativa à estrutura da sociedade” (DE CERTEAU, 1982, p.66).

Quando a sociedade muda ocorre naturalmente um afastamento do historiador do seu objeto, ele pode então analisá-lo de um lugar mais distante e observá-lo melhor, contudo, ele não pode rejeitá-lo. Precisa reconhecer ser fruto desse passado ainda que tente superá-lo.

Essa superação só é possível porque novas formas de pensar foram confeccionadas. Ele precisa reconhecer que é fruto de um meio, que sua localização social deve ser dissecada, analisando sua prática e seus conceitos históricos. De Certeau (1982) faz uma severa crítica à neutralidade pois essencialmente ela não existe. Quem fala, fala de algum lugar, e esse contexto precisa ser identificado para que se possa entender a produção científica de determinado autor. Antes de saber o que a história diz de uma sociedade, é necessário saber como funciona dentro dela. Qual a importância ou destaque que tem a história dentro da sociedade que estou observando? Qual a produção que é possível? Isso determina “a dupla função do lugar” (DE CERTEAU, 1982, p.68). O que ele proíbe e o que permite, nas próprias palavras de De Certeau. Quando certas pesquisas se tornam possíveis em função de conjunturas e problemáticas comuns. Existindo uma combinação entre permissão e interdição. Sobre esta combinação que age o trabalho destinado a modificá-la. Percebendo quais eram os interesses por trás de sua produção.

A história é, portanto, definida pela relação da linguagem com o corpo. Em outras palavras, pela articulação entre o discurso e o lugar social. Os limites que o corpo impõe também a definem. Permanece configurada pelo sistema no qual se elabora. É determinada por uma fabricação localizada em tal ou qual ponto desse sistema. Qual recorte escolhe, representa um interesse, uma vivência. Daí a importância das relações de produção e do lugar em que se produz. “A articulação da história com um lugar é a condição de uma análise da sociedade” (DE CERTEAU, 1982, p.69).

Uma das premissas para a produção da história, segundo De Certeau, é a escrita. Que é a linguagem, a narrativa que conduz ao discurso, já que a história não pode ser reconstruída, ele ilustra e a conduz.

[...] escrita põe em cena uma população de mortos – personagens, mentalidades ou preços. [...] A historiografia tem esta mesma estrutura de quadros que se articulam com uma trajetória. Ela representa mortos no decorrer de um itinerário narrativo (DE CERTEAU, 1982, p. 103).

Ao elaborar uma dissertação, tese ou artigo devemos basear a escrita em técnicas, procedimentos para construir um texto científico. De Certeau (1982) precisa que o discurso

acadêmico possui um conjunto de regras a serem utilizadas, mesmo estando essa imposição no silêncio. Ao escrever a história podemos seguir dois caminhos, de acordo com a linguagem, a literária ou científica. “O lugar que se dá à técnica coloca a história do lado da literatura ou da ciência” (DE CERTEAU, 1982, p. 70). A escrita científica possui discurso narrativo, ela é a própria construção da história, é o fazer história ao registrá-la.

Outra questão levantada é a limitação do texto, onde seu ponto de partida já delimita sua finalização, o seu início estabelece os limites que a narrativa irá abordar.

Enquanto a pesquisa é interminável, o texto deve ter um fim, e esta estrutura de parada chega até a introdução, já organizada pelo dever de terminar. Também o conjunto se apresenta como uma arquitetura estável de elementos, de regras e de conceitos históricos que constituem sistema entre si e cuja coerência vem de uma unidade designada pelo próprio nome do autor (DE CERTEAU, 1982, p. 89).

Tal inversão da escrita historiográfica frente ao real, de distanciamento do fato é exposto por Certeau:

Dito de outra maneira, através de um conjunto de figuras de relatos e de nomes próprios, toma presente aquilo que a prática percebe como seu limite, como exceção ou como diferença, como passa. Por estes poucos traços – a inversão da ordem, o encerramento do texto, a substituição de um trabalho de lacuna por uma presença de sentido – pode-se medir a "servidão" que o discurso impõe à pesquisa (DE CERTEAU, 1982, p. 89).

Em “A História da escrita”, De Certeau aborda o termo “Construção e Erosão”, que descreve a escrita que deve ser técnica, didática e com múltiplas conferências e referências, buscando garantir a credibilidade. Construção e erosão das unidades: toda escrita histórica combina estas duas operações (DE CERTEAU, 1982, p. 97).

Para garantir esta credibilidade, a escrita surge como fonte verificável, onde o leitor pode buscar as referências que o autor acessou. Função que o discurso referenciado e notas de rodapé do texto trazem. A linguagem referencial traz vida ao texto, onde a fonte é exposta pelo discurso e se expõe.

Coloca-se como historiográfico o discurso que "compreende" seu outro – a crônica, o arquivo, o documento –, quer dizer, aquilo que se organiza em texto folheado do qual uma metade, contínua, se apóia sobre a outra, disseminada, e assim se dá o poder de dizer o que a outra significa sem o saber. Pelas "citações", pelas referências, pelas notas e por todo o aparelho de revestimentos permanentes a uma linguagem primeira (que Michelet

chamou "crônica"), ele se estabelece como saber do outro (DE CERTEAU, 1982, p. 97).

A historiografia irá trazer a o não dito, o fato à vida para então concluí-lo, enterrá-lo e descrevê-lo. “A escrita não fala do passado senão para enterrá-lo. Ela é um túmulo no duplo sentido de que, através do mesmo texto, ela honra e elimina. Aqui a linguagem tem como função introduzir no dizer aquilo que não se faz mais” (DE CERTEAU, 1982, p. 104).

Para produzir a historiografia precisamos das fontes, documentos, relatos, objetos, entre outros. Estes são organizados, manipulados, distribuídos para construção da pesquisa científica.

Em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em "documentos" certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela consiste em produzir tais documentos, pelo simples fato de recopiar, transcrever ou fotografar estes objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto (DE CERTEAU, 1982, p. 73).

As fontes são definidas como resíduos, elementos da natureza que são artificializados e transformados para diversos usos e novamente artificializados para tornarem-se fontes históricas. Submetendo-se à proposta da pesquisa em questão desviando de sua proposta inicial.

Não se trata apenas de fazer falar estes "imensos setores adormecidos da documentação" 55 e dar voz a um silêncio, ou efetividade a um possível. Significa transformar alguma coisa, que tinha sua posição e seu papel, em alguma outra coisa que funciona diferentemente. Da mesma forma não se pode chamar "pesquisa" ao estudo que adota pura e simplesmente as classificações do ontem que, por exemplo, "se atêm" aos limites propostos pela série H dos Arquivos e que, portanto, não define um campo objetivo própria. Um trabalho é "científico" quando opera uma redistribuição do espaço e consiste, primordialmente, em se dar um lugar, pelo "estabelecimento das fontes" – quer dizer, por uma ação instauradora e por técnicas transformadoras (DE CERTEAU, 1982, p. 75).

O passado nunca é dado, ele é transformado pelo nosso procedimento, portanto, manuseamos documentos ao separar, cortar, agrupar, fotografar e o trabalho científico é dado pelas novas alocações segundo a pesquisa e a fonte. Que devemos observar não apenas seus pontos homogêneos, mas buscar seus desvios, desviando-se das antigas maneiras da prática científica. (DE CERTEAU, 1982, p. 78)

“A interpretação antiga se torna, em função do material produzido pela constituição de séries e de suas combinações, a evidenciação dos desvios relativos quanto aos modelos”. (DE CERTEAU, 1982, p. 78). Garantindo assim a não caducidade da pesquisa, “desenvolvimento quantitativo da caça aos documentos terminou por introduzir no próprio trabalho, tornado interminável, a lei que o destinava à caducidade assim que terminado” (DE CERTEAU, 1982, p. 79).

Em “A Invenção do Cotidiano”, Luce Giard em seu prefácio, descreve De Certeau como um pesquisador que utiliza métodos já utilizados e os novos.

Em sua geração. Foi ele um dos ratos historiadores ao mesmo tempo apaixonado pelos novos métodos, disposto a correr o seu risco e lúcido sobre suas determinações e seus limites. Por isso, não sucumbe aos cantos de sereia do quantitativo ou às seduções modernistas da informatização (GIARD, 1998, p. 16).

Nesta mesma obra, veremos sua relação com os dados estatísticos. Ampliando assim, nossa relação com os dados e como devemos analisá-los. Os dados numéricos só têm validade e pertinência conforme as condições de sua coleta (GIARD, 1998, p. 16).

O texto descreve De Certeau como um pensador que caminha por caminhos distintos aos das instituições, a autora cita que muitas vezes é censurado por relativizar a noção do saber e a objetividade das instituições que promovem a relação do saber. Como a escritora expõe: “Por não estar preso aos métodos que pratica e pela diversidade de saberes, Certeau intriga e desconecta” (GIARD, 1998, p. 10).

Sua visão era voltada à compreensão do sentido oculto, do que é mais profundo do conhecimento, buscava à estimulação, o motivador das ações. Sua notoriedade era abrangente e foi além da área religiosa, por ser jesuíta, como também rompeu os limites dos historiadores, por tal fato é convidado a realizar pesquisas científicas de cunho social e cultural. Pelo leque de seus interesses de estudo, pelo entrecruzamento dos métodos que pratica sem prestar vassalagem a nenhum deles, e pela diversidade de suas competências. (GIARD, 1998, p. 10)

Pela forma como instrui a utilizar e organizar os fatos, buscar a não homogeneidade dos dados, seguir seu próprio caminho e fugir dos padrões impostos pelo consumo ou não observados nas estatísticas. Observa-se sua reflexão epistemológica como ponto chave para utilização das práticas modernas sem deixar de reconhecer seus limites.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

De Certeau traça o papel do pesquisador que deve buscar o sentido oculto, daquilo que é mais profundo, observando as micro diferenças e micro liberdades existentes nas micro resistências, onde tantos só percebem a uniformização. Tal ato, pode ser dado pela localização de posição de estratégia, de poder, e o sujeito que pratica a tática.

De Certeau conclui sua obra com um desdobramento excepcional. Nos mostra como o trabalho historiográfico é ambivalente: a historiografia é a condição de um fazer e a denegação de uma ausência; age ora como discurso de uma lei, ora como álibi, ilusão realista. Oscila entre “fazer a história” e “contar histórias”, sem ser redutível nem a uma nem a outra.

De Certeau conclui, dizendo que o discurso histórico é a representação privilegiada de uma ciência do sujeito, desse sujeito tomado numa divisão constituinte, mas com a representação das relações que um corpo social mantém com a sua linguagem. Em outras palavras, tanto o discurso histórico quanto o sujeito são constituídos e determinados genuinamente pelo Outro da linguagem.

REFERÊNCIAS

DE CERTEAU, M. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 1998.

FARIA, L. C. M.; LOBO, Yolanda. Identidade e campo de produção: o laboratório de currículos da Secretaria de Estado de Educação e Cultura do Rio de Janeiro (1975-1979). XXVIII Reunião Anual da ANPED, Caxambú. **Anais...**, 2005. p. 1-14.

GIARD, L. História de uma pesquisa. In: De CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998. v.I, p. 9-32.